

AS HISTÓRIAS INFANTIS DE MALBA TAHAN: UM CALEIDOSCÓPIO INTERDISCIPLINAR

JURACI CONCEIÇÃO DE FARIA (UNICAMP).

Resumo

O universo literário de Malba Tahan é um verdadeiro caleidoscópio e, como tal, a cada movimento de análise e compreensão de suas obras, uma infinidade de desenhos regulares vão sendo definidos e multiplicados entre os espelhos da trajetória histórica do professor de matemática, escritor e conferencista Júlio César de Mello e Souza (1895–1974). Buscando trazer à luz a interdisciplinaridade presente nas histórias infantis da coleção “Malba Tahan Conta Histórias”, publicadas pela Editora Brasil-América Ltda em 1968, redirecionamos nosso olhar para uma questão central de nossas pesquisas: em plena década de 60, seria a intenção de Malba Tahan contrapor-se ao momento educacional brasileiro, fortemente marcado pela disciplinaridade e explorar distintas esferas do saber em suas histórias destinadas ao público infantil? Tendo como fundamento teórico a prática educativa interdisciplinar de Ivani Fazenda, este artigo tem a intenção de apresentar uma breve história da vida do autor, contextualizar a literatura infantil de Malba Tahan, analisar o diálogo interdisciplinar presente nos seis volumes desta coleção (A Girafa Castigada; O Rabi, o Cocheiro e os Anjos de Deus; A Pequeninha Luz Azul; Os Sonhos do Lenhador; O Tesouro de Bresa e A História da Onça que queria acordar cedo) e, quem sabe, apresentar algumas considerações para a prática de leitura e escrita das crianças do nosso tempo.

Palavras-chave:

Malba Tahan, Literatura Infantil, Interdisciplinaridade.

Malba Tahan

Júlio César de Mello e Souza nasceu no Rio de Janeiro em 6 de maio de 1895. Filho de João de Deus e Carolina de Mello e Souza, passou a infância em Queluz, município paulista no Vale do Paraíba, onde seus pais exerceram a carreira do magistério.

Em 1906 retorna ao Rio de Janeiro para prosseguir os estudos, inicialmente no Colégio Militar e, após 1908, no Colégio Pedro II. Neste colégio iniciou sua carreira de escritor (vendia redações para os colegas de classe) e de professor. Ao longo de sua vida, exerceu outras atividades, tendo destacado-se como conferencista, jornalista e defensor da causa dos hansenianos.

Desde menino, adotava o uso de pseudônimos em seus escritos: Salomão IV, na Revista ERRE; R.S.Slady, nos artigos de jornais e, finalmente, Malba Tahan[1] para suas obras literárias. Só assinava seu nome verdadeiro nos livros relacionados ao ensino de matemática.

Em 1954, por um decreto especial ao Ministério da Justiça, Getúlio Vargas autorizou a presença do pseudônimo Malba Tahan na sua carteira de identidade. Desde então, assume o falso nome em todas as suas obras.

Autor de mais de uma centena de obras, Malba Tahan divulgou a cultura oriental no Brasil e na América do Sul, defendeu a matemática do algebrismo, que imperava no ensino desta disciplina em sua época, propôs o diálogo desta ciência com outras áreas do saber, especialmente a Literatura (Faria, 2004).

O Homem que Calculava é, sem dúvida, sua obra-prima. Lançado em 1938, ganhou o 1º Concurso de Contos e Novelas da Academia Brasileira de Letras e, como profetizou Monteiro Lobato em carta ao autor[2]: “obra que ficará a salvo das vassouradas do Tempo como a maior expressão do binômio ciência + imaginação”. No Brasil, é editado pela Record e encontra-se na 75ª edição. No exterior, foi traduzido e publicado em mais de cinquenta países.

Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan faleceu em 1974, aos 79 anos[3], ministrando dois cursos a professores da Rede Municipal do Recife: “A Arte de Ler e Contar Histórias” e “Jogos e Brincadeiras no Ensino de Matemática”.

A Literatura Infantil de Malba Tahan

Na obra *A Arte de Ler e Contar Histórias*, Malba Tahan destaca que a história Infantil não resulta de trabalho elaborado por crianças, mas fruto de inteligência já cultivada e amadurecida, de quem conhece, por estudo ou intuição, as qualidades ou requisitos que devemos encontrar numa narrativa destinada a crianças. Fruto de sua prática educativa no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, esta obra de cunho didático apresenta aos professores sugestões de histórias[4] para serem lidas, contadas e musicadas[5].

Do ponto de vista pedagógico, temos nesta obra um exemplo admirável: nela Malba Tahan, ao mesmo tempo que elucida conceitos e teorias sobre a história infantil, apresenta orientações fundamentadas em sua experiência de contador de histórias, em domínio de auditório e em técnicas de contação de histórias. Aponta que “a finalidade precípua da história Infantil é divertir a criança, estimulando-lhe a imaginação e a inteligência” (Tahan, 1964, p. 69) e que o professor, ao escolher uma história para ser lida, contada ou musicada em sala de aula, não pode esquecer de buscar atingir os objetivos da história infantil: educar, instruir, preparar a criança para uma certa atividade, desviá-la de uma corrente má de pensamentos, confortar a criança (caso da criança enferma), torná-la otimista para a vida, atender ao psiquismo infantil, atrair a criança para um ambiente sadio (biblioteca, sala de leitura, etc.) e ocupação agradável para as horas de lazer. Enfatiza ainda que “a história, bem escolhida e bem orientada, pode servir como viga-mestra na grande obra educacional” (Tahan, 1964, p. 15).

As seis histórias que compõem a coleção *Malba Tahan Conta Histórias*[6], ilustrada por Eliardo França e publicada pela Editora Brasil-América em 1968, têm um valor inestimável e, mesmo algumas décadas após sua primeira edição, abre, para quem quiser perspectivas fecundas, não só para a prática de leitura e escrita das crianças do nosso tempo, mas principalmente para as questões de pluralidade cultural e ética que atualmente permeiam o âmbito das escolas: “em todos os recantos do mundo civilizado, os contos e as fábulas foram empregados no ensino de Ética; são formas populares, condensadas, da sabedoria popular” (Tahan, 1964: 19).

A Girafa Castigada, conto infantil, inspirado no Evangelho, apresenta uma boa explicação para o fato de a girafa ter um pescoço tão grande. O que ela poderia ter feito ao menino Jesus para merecer tal castigo?

O Rabi, o Cocheiro e os Anjos de Deus, conto ídiche, trata de forma ética uma questão delicada, a inversão de papéis entre um cocheiro e um rabi. Esta atitude é correta?

A Pequenina Luz Azul, conto infantil, de origem árabe, em que o rei El-Khamil, da velha cidade de Jidda, avista de seu palácio, altas horas da madrugada, uma pequenina luz azul. Quem seria o dono da pequenina luz azul: o prefeito da cidade, o ministro ou o general? Quem estaria dizendo a verdade ao rei?

Os Sonhos do Lenhador, de origem chinesa, conta a história do lenhador Chang Tang Li e do barqueiro chamado Su Tai disputando um pote de ouro, encontrado e enterrado pelo lenhador na floresta e reencontrado e desenterrado pelo barqueiro. A quem pertenceria de fato?

O Tesouro de Bresa conta a história de um pobre e modesto alfaiate chamado Enedim que, graças aos conhecimentos adquiridos no livro “O Mistério do Tesouro de Bresa”, adquirido por 3 dinares de um vendedor ambulante, o antigo e humilde alfaiate passa a ser um dos homens mais notáveis da cidade. Que mistério seria este?

A História da Onça que queria acordar cedo, divertido conto infantil, que ensina mais de cem vozes de animais, trata de um dilema no mundo animal: a possível travessia de um rio, de uma onça nas costas de um jacaré. Quem

acordaria a onça de seu sono de pedra? Este caso, discutido e palpitado pela bicharada da floresta, ficaria a encargo do peru, do cavalo, da araponga ou da raposa?

O fio que une as histórias infantis de Malba Tahan

Ao analisar as histórias presentes na coleção “Malba Tahan Conta Histórias” percebe-se o entrelaçamento de saberes em várias áreas do conhecimento: língua portuguesa, matemática, história, geografia, pluralidade cultural, ciências, artes, temas transversais e ética. Tal fato nos leva a questionar se, em plena década de 60, seria a intenção de Malba Tahan contrapor-se ao momento educacional brasileiro, fortemente marcado pela disciplinaridade, e explorar distintas esferas do saber nas histórias destinadas ao público infantil? Suas histórias podem ser consideradas interdisciplinares? Existe um fio que as une?

Interdisciplinar significa *“comum a duas ou mais disciplinas ou ramos do conhecimento”* (Aurélio, 1997, p.957). Na concepção de Kachar (2001, p. 77), na palavra *interdisciplinar* está contida a proposição de ligação, isto é, a conexão entre as disciplinas, territórios delimitados, e a possibilidade de intercâmbio e o deslocar-se entre elas. Ela conecta, permitindo comunicação e diálogo, relação e vínculo entre os separados, diferentes, opostos.

Embora muitos estudos tenham se estruturado sobre a interdisciplinaridade no Brasil e no mundo, o termo “interdisciplinaridade” não possui ainda um sentido único e estável e, embora as distinções terminológicas sejam inúmeras, seu princípio é sempre o mesmo: “caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pela integração das disciplinas num mesmo projeto de pesquisa” (Fazenda, 1993, p. 30-31).

“Interdisciplinaridade é a colaboração e a comunicação entre as disciplinas, guardadas as especificidades e particularidades de cada uma” (Morin, 1998, p. 217).

Na opinião de Faria (2004, p. 179), embora a idéia, o termo e o conceito de interdisciplinaridade ainda nem existissem explicitados no espaço e no tempo em que o escritor e o professor Malba Tahan registraram o seu legado, constata-se sua forte presença na obra literária e didática do autor, não só nas histórias infantis, como também nos artigos que escrevia para jornais e revistas de sua época, nas conferências que proferia, nas capacitações dos cursos da CADES - Companhia de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário, enfim, em toda ação educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan. A pesquisadora aponta a origem de seu trabalho interdisciplinar: Encontramos em Mello e Souza um professor

que exercia a interdisciplinaridade em sua prática educativa desde a década de 30; e, em Malba Tahan, mais precisamente em *O Homem que Calculava*, os primórdios da estrutura interdisciplinar - o diálogo das diversas áreas do saber.

Helena Meidani, consciente da peça de valor que Malba Tahan representa para a Educação Brasileira, afirma em sua dissertação de mestrado (1997, p. 89):

(...) daí a urgência do resgate da obra de Malba Tahan, pois nela residem possibilidades concretas de reconciliação e mesmo de vivo entusiasmo para com a Matemática. Se isto pôde, alguma vez, ser considerado desejável, hoje chega a ser necessário, na medida em que se fala insistentemente em *interdisciplinaridade*, ou seja, na recuperação de formas de saber mais integradas e, portanto, mais próximas da complexidade da realidade .

Considerações finais

Do ponto de vista interdisciplinar, as histórias infantis de Malba Tahan podem ser comparadas a um caleidoscópio. Sabemos que a palavra caleidoscópio vem do grego (Kalos quer dizer beleza, eidos significa forma e skopien é olhar), ou seja, um objeto ótico que nos faz ver belas formas. E as seis histórias presentes na Coleção Malba Tahan Conta Histórias revelam que o universo literário deste autor é um verdadeiro caleidoscópio e, como tal, a cada movimento de análise e compreensão de suas obras, uma infinidade de desenhos regulares vão sendo definidos e multiplicados entre os espelhos da prática educativa de quem as vê, de como as vê, de para quem elas serão lidas, contadas ou musicadas.

Diante da beleza desta obra, há uma infinidade de formas das histórias infantis de Malba Tahan serem utilizadas em sala de aula. Como num caleidoscópio, as histórias giram, se organizam e se reorganizam ao toque sensível das mãos do educador que nelas podem encontrar belas estratégias de ensinar não só a leitura e a escrita como também valores éticos indispensáveis à sociedade do nosso tempo: verdade, justiça, sinceridade, fidelidade, amizade, entre outros.

É tempo de ver que o trabalho em sala de aula se revitaliza quando propiciamos em nossas ações educativas o diálogo entre as disciplinas. A literatura infantil de Malba Tahan é apenas uma proposta: um caleidoscópio de histórias, um caleidoscópio de conhecimentos, um verdadeiro caleidoscópio interdisciplinar. A reedição desta coleção poderia subsidiar práticas efetivas e instigantes de saberes para as crianças do nosso tempo.

A guisa de conclusão, outros olhares poderiam ter sido explicitados, entretanto apóio-me em Regina Machado (1997, p. 52) para instigar outras leituras e outras análises possíveis da Coleção Malba Tahan Conta Histórias: "Malba Tahan é um mistério complexo e, como tal, desafia interpretações que correm o risco de serem redutoras diante da grandeza de sua obra e da singularidade de sua investigação".